



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL
CURSO DE PSICOLOGIA

RAFAELA CUPERTINO MENEZES

ESTEREÓTIPOS ASSOCIADOS A PESSOAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NAS REDES SOCIAIS

SALVADOR

2023

RAFAELA CUPERTINO MENEZES

**ESTEREÓTIPOS ASSOCIADOS A PESSOAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NAS REDES SOCIAIS**

Projeto de pesquisa apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para aprovação.

Orientador: Prof. Aruanã Maire Maia
Fontes

SALVADOR

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e por me dar forças durante todo o processo.

Agradeço ao meu pai, que partiu 2 meses antes que eu começasse a escrever este trabalho, mas que esteve desde o começo idealizando minha formatura. Sei o quanto ele sentia orgulho em me ver em uma Universidade, ele sonhou e acreditou na minha formação desde o início, junto com a minha avó. Pensar nisso, foi o que me fez ser forte o suficiente para continuar.

Agradeço a minha avó, que é a minha âncora em todas etapas da minha vida, que me apoia, sonha e vibra comigo a cada conquista. Que mesmo passando por um dos momentos mais difíceis da nossa família, na qual eu perdi um pai e ela um filho, esteve ao meu lado em todo esse processo. Ao meu avô, que apesar de ter falecido no começo da minha adolescência, me criou, me educou e me incentivou a priorizar os estudos.

Agradeço a minha mãe e a meus irmãos. Quero agradecer também a Murilo, que foi meu suporte emocional durante a realização deste trabalho, e que me encorajou todas as vezes que estive desmotivada. A todos os meus amigos e familiares, que me apoiaram e me ajudaram. Agradeço também à minha orientadora Aruanã, pela excelente troca que tivemos durante todo o andamento da escrita.

Este trabalho foi elaborado com muitas lágrimas, em um momento de luto, e se não fosse o apoio dessas pessoas, juntamente com minha fé, ele não teria sido escrito. Então, agradeço muito a todos!

RESUMO

Estereótipo social é definido como uma crença coletiva que é compartilhada acerca de alguma característica relacionada a um grupo de pessoas. Uma das funções mais utilizadas nas redes sociais digitais é a comunicação, e a publicação de fotos e vídeos, o que contribui na disseminação de opiniões. Assim, pessoas diagnosticadas com autismo podem ser alvo de inúmeros comentários nas mídias sociais. Este estudo tem como objetivo investigar estereótipos associados a autistas nas redes sociais. Como ferramenta de coleta de dados foi utilizado o YouTube, Instagram e TikTok, e selecionado o total de 7 perfis. A análise de dados foi proposta de acordo com a ideia de Bardin (2011), assim, foi categorizado entre traços psicológicos e físicos, atributos, capacitismo, estereótipos familiar e rede de apoio. Os comentários demonstram ambivalência nos discursos, uns com estereótipos disfarçados e outros com estereótipos nítidos. Os vídeos podem corroborar para a quebra desses estereótipos, no entanto, alguns comentários podem dar suporte para que surja mais discriminação através do capacitismo. O estudo pode auxiliar na reflexão de atitudes e julgamentos, e no maior entendimento da singularidade em torno do Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-Chave: Estereótipo; Capacitismo; Redes Sociais; Autismo; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Social stereotype is defined as a collective belief that is shared about some characteristic related to a group of people. One of the most used functions in digital social networks is communication, as well as the posting of photos and videos, contributing to the dissemination of opinions. Thus, individuals diagnosed with autism may be the target of numerous comments on social media. This study aims to investigate stereotypes associated with autistics on social networks. YouTube, Instagram, and TikTok were used as data collection tools, with a total of 7 profiles selected. Data analysis was conducted according to Bardin's (2011) idea, categorizing them into psychological and physical traits, attributes, ableism, family stereotypes, and support network. Comments demonstrate ambivalence in discourse, some with disguised stereotypes and others with clear stereotypes. While videos may contribute to breaking these stereotypes, some comments may support the emergence of more discrimination through ableism. The study can help reflect on attitudes and judgments and enhance the understanding of the uniqueness surrounding Autism Spectrum Disorder.

Keywords: Stereotype; Social Networks; Autism; Autism Spectrum Disorder.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 Introdução..... | 5 |
| 2 Método..... | 9 |
| 2.1 Delineamento..... | 9 |
| 2.2 Procedimento De Coleta De Dados..... | 9 |
| 2.2 Procedimentos De Análise De Dados..... | 10 |
| 3 Resultados e Discussão..... | 11 |
| 3.1 Atributos e Traços Psicológicos..... | 13 |
| 3.2 Traços Físicos..... | 15 |
| 3.3 Capacitismo..... | 17 |
| 3.4 Estereótipo no Núcleo Familiar e Rede de Apoio | 20 |
| 4 Considerações Finais..... | 21 |
| Referências..... | 24 |

1 INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Global Overview Report (Kemp, 2022), a quantidade de perfis em mídias sociais corresponde a 58,4% da população total mundial. Esses usuários podem não representar indivíduos únicos, pois a mesma pessoa pode fazer vários perfis em uma rede. Isso pode ocorrer, porque, as chamadas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) são utilizadas em diversas práticas sociais no cotidiano dos indivíduos, como na comunicação, no acesso e disseminação de informações, para produzir conteúdo, na resolução de problemas na vida pessoal e coletiva, o que contribui diretamente na forma de se comunicar, aprender e se relacionar (Base Nacional Comum Curricular, 2018).

As redes sociais online são um ambiente digital, organizado por perfis criados pelos próprios usuários que conduzem e moldam de acordo com interesses pessoais, pensamentos e gostos semelhantes (Campaniço, 2022). Não são limitadas a hierarquias, e podem estar na escola, no trabalho, na música, na política e até mesmo no âmbito familiar (Ciribelli; Paiva, 2011).

As atividades mais realizadas nas redes são, respectivamente: publicar textos, fotos e/ou vídeos, assistir vídeos postados por outros usuários, comunicação e interação com outros conhecidos, compartilhar a própria foto e adicionar amigos (Kantar, 2021a). Dentre essas atividades, a prática de assistir vídeos curtos online e gratuitos vem crescendo significativamente entre os brasileiros, uma vez que 80% da população faz uso dessa modalidade (Kantar, 2021b). Paralelo a isso, os aplicativos com maior tempo gasto por usuários no mundo, são justamente os que possuem vídeos como forma principal de engajamento, estão entre os cinco mais utilizados no ranking mundial: o YouTube, Instagram e TikTok (Kemp, 2022).

Com o objetivo principal de compartilhamentos de vídeos *online*, o YouTube foi lançado em 2005, onde o usuário pode fazer *upload* dos vídeos e publicar, além de poder assistir e comentar vídeos de outros perfis de forma gratuita e sem limitação do tempo. A plataforma possibilita o uso de recursos narrativos e visuais que chamam atenção do público em torno de uma diversidade de assuntos. (Burgess; Green, 2009; Carvalho, 2016). Diferentemente do YouTube, o Instagram, criado em 2010, teve como proposta inicial apenas o compartilhamento de fotografias, mas houve várias alterações desde sua criação. Com isso, atualmente é muito utilizado para a produção de vídeos, tornando uma rede social mais interativa. Os usuários da rede podem escolher que tipo de conteúdo deseja consumir e ainda contar com a orientação ou

manipulação do sistema (robôs automatizados de mídias sociais) que encaminham sugestões de publicações, perfis, entre outros (Ramos; Martins, 2018). O TikTok, por sua vez, é o aplicativo mais recente, criado em 2016, com o objetivo inicial de vídeo curtos em até 60 segundos, mas sofreu algumas modificações e em 2023 os vídeos podem ter duração de até 10 minutos, mas caso o usuário queira mais tempo, é possível bonificar a plataforma e gerar vídeos de até 20 minutos (TikTok, 2023). No TikTok é possível criar, postar e compartilhar vídeos, e assim como as outras mídias sociais citadas, é permitido escolher o conteúdo de sua preferência e interagir com outros perfis (Monteiro, 2020).

As três redes sociais (Youtube, Instagram e Tiktok) são gratuitas e podem ser acessadas por diversos meios tecnológicos como celular e computador, nenhuma contém restrições de tempo, muito menos limitações na quantidade de conteúdo/vídeos que podem ser consumidos. É possível, também, fazer vídeos ao vivo e comunicar-se em tempo real com outros perfis. Além disso, todas as pessoas podem ter acesso aos conteúdos dessas redes, mesmo que não sejam cadastrados, no entanto, para interagir nas publicações é necessário ter um perfil/conta.

Com esse acesso prático e fácil, o uso das mídias sociais se tornou presente no cotidiano das pessoas, abrindo espaço para o surgimento de influenciadores digitais, que são pessoas que se destacam nas redes e que possuem a capacidade de mobilizar um grande número de seguidores, criando conteúdos que podem conduzir opiniões e comportamentos (Silvia; Tessarolo, 2016).

As informações disponíveis nas redes, podem influenciar diretamente no ponto vista e conhecimento sobre diversas temáticas, pois são ferramentas formadas de opiniões distintas que são compartilhadas e discutidas, criando ideias, pensamentos e condutas acerca de diferentes assuntos. Como destaca Afonso (2009, p. 29):

A comunicação em rede tem sido explorada como instrumento de ativação de movimentos sociais e culturais como a luta dos direitos humanos, feministas, ambientalistas, etc. (...) Entre desconfiados e entusiásticos, o fato é que as redes sociais virtuais são convites para se repensar as relações em tempos pós-modernos.

É sobre esse repensar as relações que hoje em dia assuntos como autismo, por exemplo, vêm ganhando visibilidade. Torna-se muito comum nas redes sociais postagens com essa temática, o que assume um papel fundamental na forma como os indivíduos compreendem as realidades do mundo e da vida cotidiana, provendo

narrativas de experiências, partilha e apoio (Ries, 2017). Como atualmente o Transtorno de Espectro Autista (TEA) é discutido de forma mais corriqueira, contribui diretamente na construção de uma nova imagem de pessoas autistas, uma vez que as associações e referências eram mais voltadas ao autista severo e não-verbal. Atualmente, com o acesso facilitado da população a este conteúdo, há a redução da condição autista a esta imagem limitada (Tavoni; Corrêa; Silva, 2019).

Vale ressaltar, que de acordo com o quinto Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (APA, 2014), os sintomas do TEA surgem no início da infância, durante o segundo ano de vida entre 12 a 24 meses, envolvendo atraso na linguagem, dificuldade na comunicação, comportamento e na interação social, além de gerar padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. A manifestação dos sintomas varia muito sobre a gravidade da condição autista, da idade e do nível de desenvolvimento.

Ainda segundo o DSM-V, o autista é classificado em 3 níveis distintos de suporte, de acordo com o apoio necessário que precisa para realizar tarefas do dia-a-dia. É classificado como Nível 3 de Suporte quando a pessoa possui déficits na comunicação social, a exemplo de uma pessoa com fala inteligível, grande limitação para socializar e comportamento repetitivos que interferem diretamente em todas as esferas da vida. No Nível 2 de Suporte, possuem déficits na habilidade de comunicação social, como uma pessoa que fala frases simples normalmente limitadas ao próprio interesse, há também dificuldade para socializar, frequência de comportamento repetitivos que podem interferir em uma variedade de contexto. Já no Nível 1 de Suporte, contém alguns déficits na comunicação social, como uma pessoa que mesmo com falhas na tentativa de fazer amizades consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, há também problemas de organização e planejamento, entre outros.

Desse modo, por precisar de apoio para conseguir socializar, a inclusão social dos autistas é primordial em todas as fases da vida, pois é dessa forma que eles serão capazes de desenvolver a sua autonomia e potencialidade (Conceição; Escalante; Silva, 2021). A interação social, além de possibilitar conhecimentos, opera como um caminho para o surgimento de outros relacionamentos, como o conjugal (Camargo; Bosa, 2009). No entanto, é necessário pontuar que indivíduos autistas ainda sofrem com estereótipos e preconceitos na sociedade que afetam diretamente esse processo de inclusão.

O surgimento de estereótipos se dá através das ideologias elaboradas pelo homem que proporcionam um processo de reinterpretação de seus conceitos e crenças, assim, as pessoas reproduzem concepções que muitas vezes são contraditórias. As ideologias influenciam na formação de atitudes sociais na qual geram crenças socialmente compartilhadas dando norte ao surgimento de ações coletivas capazes de produzir danos à pessoa ou a um grupo. Assim, estereótipos são entendidos como imagens e crenças associadas a rótulos construídos sobre determinado grupo (Gouveia, 2013; Lima, 2013; Krüger, 2013).

Há duas qualidades de estereótipos: o positivo, que atribui características consideradas boas e favoráveis ao indivíduo e/ou seu grupo (Martins; Rodrigues, 2004) e os negativos que são generalizações abusivas, perigosas e irracionais, o que justifica os comportamentos discriminatórios em relação a minorias, e a sua mudança pode exigir uma educação crítica (Cabecinhas, 2002).

O caráter negativo, se liga diretamente a generalização do real, que por sua vez, produz uma visão esquemática e deformada que favorece o surgimento de preconceitos (Brunelli, 2016). Preconceito pode ser definido como atitudes e julgamentos antecipados que tem componentes afetivos, cognitivos como os estereótipos e as crenças, e tendências para a discriminação (Lima, 2013). Os julgamentos também abrem espaço para o surgimento do cyberbullying, uma forma de agressão que acontece no ambiente virtual. Em muitos casos é anônimo, por isso representa uma ameaça ainda maior que o bullying afetando a vida psicossocial das vítimas (Mallmann; Lisboa; Calza, 2018).

Andrade (2022), ressalta que a atitude de quem exclui por preconceito são fundamentadas em visões sociais distorcidas que categorizam o autista, muitas vezes, como isolados socialmente, agressivos, entre outros. Entender o diagnóstico como uma verdade incontestável contribui para reforçar a imagem exacerbada sobre o comportamento dos autistas. Essas crenças são equivocadas e causam desinformação e preconceitos, criando espaço para um processo de patologização que prejudica ainda mais a vida social dos indivíduos com TEA, retirando a subjetividade dentro da sociedade em que estão inseridos (Orrú, 2013).

Assim, os estereótipos sociais influenciam no comportamento e atuação em interações sociais, quando os interatores são delimitados por essas crenças, isto ocorre através de componentes, como a percepção social juntamente com a memória, motivação, pensamento e tomada de decisão. Na percepção social, ocorre primeiro a

categorização, que dá espaço para a aplicação de apelidos/nomes ou expressões estabelecidas de acordo com a estimulação social (Krüger, 2004).

É através do compartilhamento de informações, da vivência individual de pessoas com TEA, das trocas de apoio entre os familiares e a constante luta no processo de inclusão, que as pessoas podem se informar e conhecer mais sobre o assunto, e assim, formam-se grupos de interesses comuns dentro de uma rede social. Por meio desse viés cultural que a observação de temáticas que utilizam a tecnologia vem ganhando evidência, são essas experiências do cotidiano que apontam os fatores culturais de uma sociedade (Ries, 2017).

Mediante vídeos publicados por digital influencers autistas, ou familiares que fazem parte do convívio dessas pessoas, os usuários das redes estão tendo um contato maior com pessoas diagnosticadas com TEA e com assuntos voltados ao espectro. Nessas publicações, os indivíduos filmam conversas simples, gostos, rotina, comportamento em lugares públicos, socialização, além de responder perguntas e tirar diversas dúvidas recorrentes. Esse compartilhamento de conteúdo pode refletir ideias discutidas dentro de uma sociedade, o que pode contribuir na redução ou no reforçamento de estereótipos. Com isso, este estudo tem como objetivo investigar os estereótipos associados a pessoas diagnosticadas com TEA em conteúdo digital nas mídias sociais de vídeos curtos.

2 MÉTODO

2.1 DELINEAMENTO

O presente artigo foi elaborado com base na pesquisa documental de fonte primária, que realiza a análise de materiais originais que não possuem ainda uma avaliação analítica (Gil, 2009). Ou seja, são registros de informações que podem vir de fontes diversas sendo escritos ou não escritos, como por exemplo: vídeos, filmes, slides, fotografias ou pôsteres (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009).

2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A realização da coleta de dados ocorreu em três redes sociais utilizadas para a produção de mídia de vídeo, que são: Youtube, Instagram e TikTok.

Além disso, o critério estabelecido para a seleção dos perfis observados foram: (a) que o perfil na rede social estivesse atribuído a crianças, adolescentes e adultos em que o diagnóstico com TEA é autorrelatado, (b) que os vídeos fossem postados

pela própria pessoa ou por algum familiar que o indivíduo tivesse, no período das postagens, contato diariamente, (c) que, no caso de menores de idade, o perfil fosse administrado e/ou monitorado por seus responsáveis legais, (d) que o indivíduo tivesse entre 5 a 59 anos incompletos e estivesse residindo no Brasil até o momento da coleta dos dados, (e) que o perfil tivesse a quantidade mínima de 50 mil seguidores em pelo menos uma das redes sociais escolhidas para este estudo, sendo selecionado os perfis com maior número de seguidores encontrados em cada rede, (f) que os vídeos possuísse de 1 a 10 minutos de duração e (g) que mostrasse o indivíduo com TEA realizando ou relatando que realizou alguma tarefa/ação, seja no âmbito escolar, de trabalho ou doméstico.

Já para a seleção dos comentários, foi observado: (a) se estavam escritos na língua portuguesa e (b) se continham "atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído extensivamente a um agrupamento humano" (Krüger, 2004, p.36)

Desse modo, as palavras-chaves utilizadas na busca dos perfis na rede social do YouTube foram: autista dia-a-dia; autista cotidiano; autista conversa; autismo em adultos. No Instagram, foi usado uma hashtag e duas buscas por palavras-chaves, sendo respectivamente: #autista; autista tarefa; autismo conversa. Já no TikTok, foram utilizadas: autismo; autista dia-a-dia; autista tarefa; autismo em adultos.

2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Foi realizada uma análise qualitativa dos comentários publicados em formato de textos, constituído na leitura de cada um dos comentários seguindo os critérios de seleção estabelecidos no procedimento de coleta de dados e na posterior categorização. De acordo com Bardin (1997), na análise qualitativa é levado em consideração a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem. Desse modo, este tipo de análise deve ser desenvolvida à base de hipóteses, pois permite sugerir diferentes viés de interpretação.

Assim, os conteúdos analisados foram separados por categorias: (a) traços psicológicos e atributos, (b) traços físicos, (c) capacitismo e (d) estereótipos no núcleo familiar e rede de apoio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da busca utilizando as palavras-chaves, foram identificados 7 perfis que atendiam os critérios pré-estabelecidos no procedimento da coleta de dados. Sendo três perfis do TikTok, dois do YouTube e dois do Instagram. Vale destacar que, de cada um dos 6 perfis incluídos foi selecionado apenas um vídeo, sendo apenas um perfil com dois vídeos selecionados devido ao baixo número de comentários no primeiro vídeo encontrado. Também foi observado um número menor de seguidores no perfil que tem o maior tempo de duração do vídeo, o que pode refletir sobre a preferência das pessoas em consumir vídeos curtos.

No Quadro 1, é apresentada características das amostras selecionadas, já no Quadro 2 contém informações detalhadas do que ocorre nos vídeos. É importante acentuar que a discussão deste trabalho foi separada por categorias relacionadas ao estereótipo, logo, os comentários selecionados estão categorizados de forma distinta. Além disso, não houve a categoria sobre traços morais pois não foi identificado comentários nesse teor.

QUADRO 1 - INFORMAÇÕES DOS PERFIS E VÍDEOS SELECIONADOS

| Perfil | Tema do vídeo | Rede social | Seguidores | Duração | Comentários selecionados |
|-----------------------------|---|-------------|-------------|-----------|--------------------------|
| @ArthurMeninoAutista | Vídeo 1: Comprando pão | TikTok | 1.3 milhões | 1 minuto | 4 |
| | Vídeo 2: Relato que passou pano na casa | | | 1 minuto | 3 |
| @Raquelneryof | Vivências de uma estudante de medicina e uma médica | TikTok | 1.7 milhões | 1 minuto | 10 |
| @Lucigmaia | Experiência no carnaval | TikTok | 1.2 milhões | 1 minuto | 6 |
| @Elisangela.dora.1 | Relato que a filha calçou o sapato sozinha | YouTube | 185 mil | 1 minuto | 8 |
| @PipoTVautismo | Preparando pizza com os familiares | YouTube | 84.4 mil | 9 minutos | 6 |
| @Professora.Autista | Contando que pratica artes marciais | Instagram | 142 mil | 3 minutos | 2 |
| @Paispodocao | Comendo sozinho | Instagram | 215 mil | 1 minuto | 9 |

QUADRO 2. DESCRIÇÃO DOS VÍDEOS

@ArthurMeninoAutista é um jovem de 23 anos e o perfil é administrado pela mãe. No primeiro vídeo selecionado ele aparece escolhendo pães para comprar, coloca-os em um saco, amarra e em seguida vai até o balcão pagar. Ele é filmado pela mãe, que dá algumas dicas ao longo da gravação. No segundo vídeo, Arthur está na frente do computador e sua mãe relata que ao chegar em casa estava tudo limpo. Então, Arthur confirma que limpou a casa sozinho.

@RaquelNery tem 22 anos e administra o próprio perfil. No vídeo, ela aparece com uma amiga e conta que é estudante de medicina, já a amiga - também autista - é médica pediatra. Elas informam sobre a profissão, além dos desafios e dificuldades que enfrentam no dia-a-dia sendo uma estudante e uma profissional autista.

@Lucigmaia é o perfil da mãe dos gêmeos Ângelo e Augusto de 43 anos. Na gravação aparece Ângelo animado, pois acabou de chegar da festa do carnaval. Ele relata o quanto foi bom dançar e participar da folia, afirmando que não dava para ficar parado. Já Augusto, voltou mais cedo para casa e informou no vídeo que estava cansado.

@Elisangela.dora.1 é o canal da mãe da Fernanda, autista de 6 anos. Na filmagem Elisangela mostra a própria reação ao perceber que a filha tinha calçado os sapatos sozinha sem precisar de auxílio, salientando que Fernanda calçou os pares corretamente.

@PipoTVautismo o canal do Pipo - como é apelidado pelos pais - de 22 anos, é administrado pelos responsáveis. O vídeo mostra um pouco da tarde do Pipo, que em primeiro momento aparece comendo pastel e interagindo com gestos de apontar com o pai e o irmão. Na segunda parte, Pipo aparece fazendo pizza e é auxiliado pelos pais onde colocar os ingredientes.

@Professora.Autista administra a própria rede social e não deixou informações sobre a idade no perfil. Na gravação ela relata que faz taekwondo e assim explica como essa arte marcial ajuda ela no controle das emoções e com questões do dia-a-dia, ela também entrevista o professor de taekwondo que explica alguns benefícios das artes marciais na saúde mental.

@Paisparaadocao perfil administrado pelos pais de Miguel, adolescente de 12 anos. Miguel também é uma pessoa com deficiência visual. No vídeo selecionado, ele aparece em alguns momentos almoçando sozinho, e em outros, é auxiliado pela mãe.

3.1 ATRIBUTOS E TRAÇOS PSICOLÓGICOS

Os atributos são os comentários referentes a características próprias e peculiares do sujeito, e os traços psicológicos se referem a relatos sobre fenômenos mentais, emocionais e cognitivos do indivíduo com TEA. A exemplo disso, comentários representativos destes domínios são: “ele é muito inteligente”, “Fernanda é uma menina muito esperta, linda, inteligente (...)”, “Cara esse Ângelo é de uma inteligência absurda, colocações nas palavras, na gramática, show”, “ele é muito esperto, sabido inteligente”, “estou encantado com tamanha inteligência”.

É possível observar nesses comentários estereótipos positivos, com o intuito de elogiar atributos e traços psicológicos como a fala, o comportamento, dentre outros. Isso pode ocorrer porque os meios digitais cada vez mais vêm funcionando como potenciais instrumentos na quebra de estereótipos e preconceitos, uma vez que, essa interação e compartilhamento de opiniões contribuem para o acesso à informação sobre questões individuais e coletivas (Franclin, 2019). Por outro lado, tais comentários corroboram para um reforçamento de senso comum, na qual os autistas são gênios, dotados de uma superinteligência. Esse estereótipo popular foi estabelecido historicamente através da generalização de alto funcionamento e habilidades presentes em pessoas autistas, o que está relacionado a informações equivocadas (Schmidt, 2012).

Há a presença de comentários que assumem um preconceito sutil, que é dito ou expressado de forma não consciente que ele existe, uma espécie de preconceito disfarçado e não direto (Andrade, 2022), por exemplo: “Como eles ficaram tão inteligentes? Dicção perfeita, usando os verbos certos, pergunto isso porque imagino a dificuldade com aprendizado.” “(...) não parece que ele é autista, acho ele tão inteligente. Tem personalidade, gosta de ficar descalço”. Observa-se que embora pareçam elogios, há uma ideia subjacente, pois, a escrita demonstra um certo paradoxo entre a pessoa ser autista e, ao mesmo tempo, ser inteligente ou ter personalidade. Desse modo, as pessoas autistas e seus familiares permanecem alvos de comentários preconceituosos e com condutas discriminatórias. Todavia, esses comentários ganharam uma nova roupagem de acordo com as demandas sociais que

são estabelecidas, para atender ao politicamente correto, abrindo espaço para o surgimento do preconceito sutil ou encoberto (Dias; Silva; Maciel, 2023).

Os elogios referentes aos atributos consideram aspectos subjetivos e perceptivos da pessoa no vídeo, também possuem um cunho ambíguo, na qual parecem elogios, mas se contradizem em algumas questões. No perfil do Arthur (23 anos), o vídeo em que ele aparece comprando o pão e depois amarrando o saco, foi identificado os comentários: “olaco eu tenho muita dificuldade em amarrar o saquinho kkk, pra mim ele foi muito rápido” e “ele faz as coisas tudo certinho”. No primeiro caso, percebe-se uma tentativa de elogiar Arthur pela agilidade, e em seguida há uma comparação do sujeito do comentário em relação a Arthur, quando assume ter dificuldade em amarrar o saco, enquanto Arthur realizou a ação de forma rápida. No segundo comentário, nota-se um relato sobre a capacidade, ainda que positivos podem embasar capacitismo.

No comentário “O altíssimo [autismo] pode ser severo porem o guri é bem esperto e bem entrosado no convívio familiar. parabéns (...)”. Nota-se no discurso um paradoxo, ao relacionar o fato da pessoa ser autista e possuir atributos como ser esperto. Além disso, o fato de ser sociável também parece chamar atenção do sujeito do comentário, nesse mesmo teor uma outra pessoa relatou: “Que bom que ele gosta de gente né? Não fica com medo das pessoas ele é muito inteligente”. O fato dos influencers aparecerem no vídeo conversando e interagindo, pode ter tido relevância aos autores do comentário pois se espera que pessoas com TEA tenham dificuldade de comunicação e socialização, uma vez que, de acordo com o DSM-5 umas das características do Transtorno do Espectro Autista são os déficits na comunicação e interação social em múltiplos contextos, com dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais (APA, 2014).

Apesar das limitações em socialização serem parte do perfil diagnóstico de pessoas no espectro autista, estas variam de acordo com o grau de gravidade e nível de suporte necessários (APA, 2014). No vídeo de Arthur, é possível notar habilidades sociais, como ir comprar o pão, isso é possível devido às trocas que acontecem no processo de aprendizagem social, na qual mantém o respeito e as singularidades do sujeito (Camargo; Bosa, 2009). Isto é identificado no vídeo, já que a todo momento Arthur é instruído pela sua mãe de como realizar a ação. Desse modo, é preciso que o autista adquira sua independência, e para tal, é necessário a valorização de experiências habituais de contato social, habilidades pessoais e domésticas, pois

esses fatores têm um grande diferencial para o desenvolvimento da pessoa com TEA (Pereira, 2011).

Um estudo realizado com 23 profissionais de um curso de especialização em TEA, com o objetivo de identificar as atribuições apresentadas por esses profissionais acerca de alunos autistas, evidenciaram que as descrições mais comuns eram que os autistas vivem em seu próprio mundo, fora da realidade do dia-a-dia (Nunes; Manzini, 2019). Tendo em vista isso, é preciso desmistificar o estereótipo de que todos possuem problemas em socializar, pois é necessário entender a singularidade, e que cada comportamento pode ser diferente devido a influência de diversos fatores. Conclui-se que a interação social, depende do contexto em que ocorre, do nível de desenvolvimento de cada pessoa - nível de suporte, peculiaridades do desenvolvimento -, além da participação do outro (seja adulto ou criança), uma vez que o processo de socialização se apoia na construção do Eu, de acordo com a mediação dos outros e suas respostas (Lemos; Salomão; Agripino-Ramos, 2014; Camargo; Bosa, 2009).

3.2 TRAÇOS FÍSICOS

Esta categoria retrata comentários que se referem à aparência física dos autistas. Apesar de não ter selecionado todos os comentários em que elogiavam a pessoa do vídeo, foram observados muitos elogios em todos os perfis, a maioria usando adjetivos como, lindos(as) e fofos(as). Em consonância com isso, os comentários selecionados relatam: “O pipo é tão lindo, fofo demais (...)”, “A Fernanda é linda e muito inteligente Deus abençoe”, “E é mesmo muito lindo esse menino (...)”, “Você está cada vez mais linda!!! (...)”, “Ele é tão lindo. Jesus dá saúde essa criança”, “Como é lindo e amoroso”. Esses comentários podem ser de suma importância para o aumento da autoestima da pessoa com TEA, principalmente para os que administram o próprio perfil e tem contato direto com o que é comentado nos vídeos.

Desta maneira, as redes sociais agem como uma oportunidade de relação fora da própria rede de contato, sendo uma excelente ferramenta para sujeitos com menos níveis de autoestima e com dificuldades na socialização presencial, o que pode contribuir para o aumento de sentimento de pertença e aceitação na sociedade (Campaniço, 2022 *apud* Mehdizadeh, 2010). Porém, é preciso tomar cuidado pois o uso das redes pode converter-se em algo negativo, a partir do momento que influencia na forma como o indivíduo percebe a si mesmo (Silvia, 2021). Faz-se necessário

salientar que, em nenhuma das mídias analisadas foi encontrado comentários que ferissem diretamente a aparência física do interlocutor que aparece no vídeo.

Todavia, nessa categoria também foi encontrado um comentário ambíguo, em que aparenta ter o intuito de elogio, mas que, em contrapartida, contém uma incoerência, quando o autor escreve “você é linda mesmo que você é autista”. Identifica-se a intenção de enaltecer a beleza do sujeito no vídeo, usando o adjetivo linda, mas aparece uma controvérsia ao aparentemente questionar - ainda que o autor não tenha feito uso da interrogação - o fato da pessoa com TEA ser linda e autista. A controvérsia desse discurso pode existir devido aos modelos culturais estabelecidos na sociedade, em que propagam um padrão de beleza com determinada aparência física como adequada. Isso faz com que o padrão de beleza seja apelativo tanto para as pessoas sem deficiências, quanto para as pessoas com deficiência, isto é, de todo modo o indivíduo está suscetível a discriminações que são predominantes na sociedade (Maia, 2009).

No perfil da Raquel Nery, no TikTok, na qual ela aparece junto com uma colega relatando sobre os desafios em atuar na área da medicina, foi evidenciado o comentário “Visualmente a primeira parece ter espectro do autismo, já a segunda nada haver”. Diferentemente de outras síndromes e/ou transtornos, pessoas com TEA não possuem sinais de sua condição na aparência física significativas, tanto que no DSM-V (APA, 2014) isso não é uma característica para diagnóstico do transtorno.

Sendo assim, comentários como esse podem ser oriundos de estereótipos, em que, pessoas com algum tipo de transtorno/deficiência já apresentem fisicamente ou através de comportamentos, a sua comorbidade. Conforme sublinha Andrade (2022, p. 32):

Estereótipos sociais aliados à falta de informação sobre o transtorno alimentam o preconceito que gira em torno do autismo. O que aumenta cada vez mais a estigmatização das pessoas autistas. Tais estereótipos levariam a uma visão de senso comum, na qual, os autistas seriam gênios ou se balançariam o tempo todo, isolados em um canto.

Corroborando com a ideia de estereótipo físico, uma reportagem feita pelo Portal do G1 (2023), traz relatos de pessoas autistas, na qual salientam ser necessário reafirmar diariamente que o autismo não tem cara. Mencionam também que há uma falta de interesse das pessoas em conhecer mais sobre o espectro e a diversidade existente, além do estresse que passam em lidar com a falta de informação e

agressividade. Ainda na matéria, Andrea que é mãe de uma jovem diagnosticada com TEA, conta que sua filha recebe comentários como, “mas ela é tão linda, nem parece autista”. Esses relatos nos mostram, ainda mais, que há um estereótipo enraizado na sociedade sobre a aparência física de pessoas com TEA. Conformando a ideia que os corpos considerados anormais e deficientes, devem ser afastados e extintos, de acordo com a construção de imagem nacional que infere um ideal de perfeição corporal (Ortega, 2009).

A experiência de pessoas com deficiência com o estereótipo físico é variável, visto que existem deficiências visíveis e invisíveis, e a interação destas deficiências com as barreiras sociais se configura de forma distinta. Como dito, o autismo, caracterizado de acordo com a quinta edição do DSM (APA, 2014), não contém marcadores físicos significativos de suas características.

3.3 CAPACITISMO

Neste tópico serão discutidos os comentários com teor capacitista. De acordo com Mello (2016), capacitismo é uma nova palavra criada para caracterizar uma estrutura de afastamento entre a capacidade e a deficiência, através de atitudes preconceituosas que classificam sujeitos em função da semelhança de seus corpos com um ideal de beleza e capacidade funcional, e que define as pessoas com deficiências como incapazes (de aprender, sentir, produzir, falar, trabalhar, etc.). O capacitismo é uma forma de discriminação estrutural e estruturante, isto é, uma gama de relações de opressão em sociedade, tal qual as outras discriminações sociais como racismo e sexismo (Gesser; Block; Mello, 2020).

Desse modo, foi encontrado alguns comentários que desenvolvem ideias preconceituosas e discriminatórias, com julgamentos que vão além dos estereótipos. Assim, nesta categoria foi identificado comentários preconceituosos e discriminatórios. Portanto, entende-se como preconceituosos os comentários expressados com um mecanismo de exclusão e inclusão, uma vez que, segundo Jackman (2008, *apud* Neto; Araujo, 2020) algumas formas de preconceito estabelecem a inclusão para manter um domínio e controle sobre o grupo excluído. E entende-se como discriminação atitudes que promovem e violam os direitos com base na raça, sexo, idade, estado civil, deficiência, entre outros (Lei nº 12.288/2010).

Seguindo o critério de comentários preconceituosos, foi identificado nos perfis os seguintes comentários: “nossa eles são autistas mais falam tão bem e são muito

engraçados”, “eles são autistas mesmo? pq [porque] acho eles mto [muito] entrosados, comunicação excelente (...)”, “até que ele entende bem as coisas e é bem tranquilo”. Diálogos como esses, reafirmam e reforçam a ideia de capacitismo, na qual, há um sentido preconceituoso em abordar e questionar o fato da pessoa com TEA ser capaz de falar bem, ser engraçado, comunicativo, compreensivo, dentre outros. Atitudes capacitistas contra pessoas com deficiência aparecem praticamente invisíveis, com sentidos aparentemente ingênuos e atitudes disfarçadamente positivas, o que representa a falta de conscientização sobre a importância da sua inclusão e da acessibilidade (Seron *et al.*, 2021; Mello, 2016).

Os discursos preconceituosos agem diretamente na reafirmação e surgimento de estereótipos, pois propagam noções equivocadas levando a expressões que auxiliam na exclusão social, o que rejeita a subjetividade e a diferença, e limita os indivíduos apenas a sua deficiência, assim, impede no desenvolvimento de capacidades e fortalecimento de autonomia e inclusão (Neto; Araujo, 2020). Desse modo, há uma “postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos ao corpo normativo” (Mello, 2016, p.3272).

No comentário “Deus é pai si ele quiser liberta sua filha ele liberta pôr completo”, é evidenciado o preconceito e o estereótipo negativo acerca do autismo, na qual faz uma analogia do transtorno há uma enfermidade ou a algo espiritual que precise, e possa, ser resolvido com libertação divina. É possível analisar este comentário, como uma busca de uma possível cura. “Se o autismo é um espectro, não pode ser tratado como uma entidade nosológica fechada” (Ortega, 2009, p.75), a procura por uma cura constitui-se em uma tentativa de rejeitar e apagar a diferença e a diversidade, além de uma interpretação errônea e estereotipada que associa o autismo a uma doença, é preciso refletir que trata-se, sobretudo, de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (Ortega, 2009).

Além disso, há no imaginário social um olhar preconceituoso e infantilizado direcionado a adolescentes e adultos diagnosticados com TEA, o que atinge diretamente os direitos sociais desses indivíduos, dado que, anula suas capacidades e competências, tirando o protagonismo e independência dentro da sociedade (Carvalho *et al.*, 2020). Desta forma, é comum estereótipos em que associam o autista a indivíduos exclusivamente infantil. No perfil de dois jovens adultos, com mais de 20 anos, foi identificado comentários como “na minha cabeça Arthur é um bb [bebê], n [não] parece q [que] tem 23 anos”, “Pipo parece um neném de tão fofo (...)”, “da

vontade de apertar, eu sei que ele é crescido, mas na minha cabeça parece um bb [bebê]...eu ia tratar igual bb.”

Esse tipo de comparação entre adultos com bebês ajuda a reforçar estereótipos negativos, favorecendo a exclusão social. Infantilizar significa impedir o amadurecimento, dificultar o desenvolvimento e causar dependência em vários âmbitos (Trevisana, 2022). De acordo com Santos (2020), contextos em que infantilizam pessoas com deficiência intelectual os restringem de gerir a própria vida, e evita-os que sejam sujeitos nos seus processos de aprendizagem.

Os fundamentos no capacitismo também abrem espaço para a discriminação contra as pessoas com deficiência (Mello, 2016). Nesse sentido, foi encontrado comentários como: “tudo é autismo agora... não sei cozinhar, costurar, nadar, voar, dirigir”. É notório a discriminação e capacitismo ao referir que não saber fazer algumas tarefas é sinal de autismo, há também uma desqualificação do diagnóstico quando o autor do comentário relata que tudo é autismo agora. Além da ironia, ao colocar a ação voar na frase, já que, nenhum de nós temos essa habilidade. Esses comentários violam os direitos das pessoas com TEA, na medida em que fere a existência deles e nos mostra que há muita desinformação por parte do comentarista acerca do espectro.

Outro comentário com teor discriminatório é evidenciado, no vídeo em que a mãe da Fernanda aparece comemorando por ela ter calçado os sapatos sozinha. “De repente, do nada ela calçou um tênis de cadarço, fez tudo sozinha, me engana que eu gosto”, observa-se o levantamento da dúvida na capacidade de Fernanda em realizar a ação sozinha, além de questionar a veracidade do vídeo.

No vídeo da Raquel Nery também foram encontrados comentários de pessoas que duvidam e questionam a capacidade dela e da amiga em serem médicas. “Assim é complicado uma pessoa autista nível alto ser médica pq [porque] como ela vai se comunicar”, “Fico pensando uma pessoa com dificuldade [dificuldade] pode ajudar uma pessoa que vai buscar ajuda na saúde. fica difícil ficar boa”. No primeiro comentário, não cabe o questionamento de como elas irão se comunicar, pois tanto a Raquel quanto a sua colega, são autistas verbais. No segundo, verifica-se um questionamento de como uma pessoa com autismo poderia ajudar outra pessoa com problemas de saúde, levantando uma indagação sobre a capacidade delas em atuar como boas profissionais na área da saúde.

Vale acentuar que, no Brasil, de acordo com a Lei nº 12.764/2012, é responsabilidade do poder público o acesso à educação e ensino profissionalizante e

ao mercado de trabalho, sendo de suma importância o estímulo à inserção da pessoa com TEA no meio trabalhista - em conformidade com as peculiaridades da deficiência -, ademais, o indivíduo com o espectro não deve ser submetido a tratamento desumano ou degradante nem deverá sofrer discriminação por motivo da deficiência. Logo, é indispensável que pensamentos preconceituosos e discriminatórios, como os analisados acima, sejam exterminados da sociedade. Pois, isso contribui para limitar pessoas com autismo apenas ao diagnóstico, o que impede no processo de inclusão social. O que merece atenção é a forma como essas pessoas se constituem como sujeito, o que as favorecem a progredir e a criar espaço no âmbito social, e que habilidades e dificuldades as impossibilitam de aprender e se desenvolver socialmente (Schmidt, 2012).

3.4 ESTEREÓTIPO NO NÚCLEO FAMILIAR E REDE DE APOIO

Essa categoria se destaca pelos comentários de familiares que demonstram ainda ter um conceito estereotipado e limitado relacionado aos indivíduos com TEA, e assim, também foi observado a abundância de comentários de familiares que se sentem acolhidos e se identificam com as vivências dos influenciadores digitais analisados nesta pesquisa.

Desse modo, primeiro foram analisados os comentários em que a família relata alguns estereótipos, mas que também mostram esperança e motivação, ao perceber que, os seus entes com TEA, também podem se desenvolver e conquistar objetivos tal qual os influenciadores do vídeo. Declarações como: "Não sabia que tinha autista assim, tenho 2 sobrinhos e 1 deles é bem especial e não entende nada já a outra entende um pouco e fala bem", "Autista nível 2 falando assim? Tenho um autista nível 2 totalmente comprometido com a questão da fala, assistindo assim tenho esperança de dias melhores". A partilha de narrativa como essas, demonstram que no próprio meio familiar de pessoas autistas ainda há estereótipos e falta de conhecimento relacionados ao espectro, pois os comentários possuem uma determinada surpresa em identificar que não sabiam que autistas seriam capazes de realizar determinadas ações, além de anular a subjetividade do sujeito e do transtorno.

Em um estudo realizado por Machado, Londero e Pereira (2018), foi constatado que as famílias de pessoas com TEA se sentem desamparadas pois não possuem apoio suficiente por parte da família extensa, vivenciando preconceito e incompreensão dentro do próprio núcleo parental, sendo as redes sociais e as leituras

uma estratégia para lidar com as dúvidas e a necessidade de amparo. Portanto, compreende-se que o bem-estar do indivíduo com TEA e da família caminham juntos, e a transformação e adaptação depende em grande parte da rede de apoio e dos serviços profissionalizantes. Portanto, o apoio estabelecido na Rede Familiar, ressalta os pontos positivos das relações sociais, como o suporte em momentos difíceis, dispondo de um caráter dinâmico, em que possui relação com aspectos de saúde e bem-estar, e que contribui para superação e auxílio nas situações de desregulamento emocional e de estresse do indivíduo autista (Jesus, 2023).

A rede de apoio formada nessas redes sociais também foi algo que se destacou durante a pesquisa, comentários como: “Sou mãe atípica, meu filho também tem TEA e sei o quanto tem sabor de vitória ver meu filho comer sozinho (...)”, “Sei bem como é importante para nós pais de autistas ver uma evolução tão importante e simples (...)”. Mostra-nos que surge uma certa identificação através dos vídeos e informações compartilhadas nas redes sociais, entre os pais e as pessoas que convivem com indivíduos diagnosticados com TEA, abordando cada um suas diferenças e desafios pessoais. Criando assim, o que pode ser chamado de Rede Familiar, que se constitui em um sistema composto por variados objetivos sociais (pessoa), funções e atividades, de acordo com as situações e contextos em que estão inseridas, podendo oferecer suporte instrumental, emocional e informações (Dessen; Braz, 2000).

O contato com outras famílias que têm filhos com o espectro, e possuem algumas características semelhantes, pode trazer auxílio na forma de lidar com a pessoa autista, assim, as interações virtuais passaram a desempenhar um papel relevante, pois ali os pais podem trocar informações com outras famílias que enfrentam os mesmos desafios e conquistas, colaborando diretamente na mudança de estereótipos existentes dentro do próprio núcleo parental, bem como, pode evitar a sensação de preconceito (Semensato; Bosa, 2013). Desta forma, essa rede de apoio familiar voltada a essas buscas por maiores entendimentos sobre o autismo, tanto em leituras como em espaços online, contribui na redução de sintomas psicopatológicos, como a sensação de desamparo, e no fortalecimento de competências, como a sensação de pertencimento e qualidade dos relacionamentos, sendo uma possível estratégia para lidar com as diversas dúvidas e com a falta de apoio em relação ao autismo (Jesus, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, buscou investigar os estereótipos associados a pessoas com TEA nas redes sociais digitais, como um meio de identificar se os vídeos postados por influenciadores com TEA, ou por seus responsáveis, se relacionam de alguma forma com os estereótipos associados a pessoas autistas. Assim, foram analisados comentários realizados em três redes sociais: YouTube, Instagram e TikTok.

Desse modo, evidenciou-se nos relatos dos vídeos observados nesta pesquisa, uma ambivalência nos discursos, ao oscilar entre comentários com estereótipos disfarçados de elogios e comentários com ideias claramente estereotipadas e preconceituosas. Dos comentários previamente positivos, há uma valorização da ação realizada no vídeo, do comportamento, da linguagem e aparência física, mas encontra-se também controvérsias que parecem refletir no reforço de algumas ideias associadas aos estereótipos. Como a ideia da inteligência, que ajuda a quebrar estereótipos, mas ao mesmo tempo ajuda a reforçar.

De acordo com a ambivalência dos dados analisados, surgiu a discussão sobre reflexos positivos e negativos com a exibição dos vídeos. Para os aspectos positivos, os vídeos corroboram para o melhor conhecimento e compreensão acerca do assunto, contribuindo para uma visão mais subjetiva sobre o espectro e o sujeito com TEA, o que pode contribuir diretamente na redução de estereótipos. Isso foi evidenciado em muitos comentários em que descrevem não saber que autistas podem fazer isso ou aquilo, ou até mesmo nos que demonstram uma certa surpresa em perceber que o indivíduo com autismo tem boa comunicação e socialização. Além disso, a partir da coleta de dados desta pesquisa, foi observado um número significativo, de familiares de pessoas diagnosticadas com TEA, na qual identificou-se a importância dos relatos e das trocas nas redes sociais digitais, dentro de diferentes circunstâncias e realidades, onde podem relatar suas experiências, angústias e identificações. Portanto, os vídeos também contribuem para o fortalecimento na rede de apoio familiar.

No entanto, diante investigação dos aspectos negativos, observou-se que ainda há pessoas que se sentem à vontade em desrespeitar os autistas e os enxergam apenas pelas suas limitações, chegando até mesmo a questionar sobre o diagnóstico dos influencers, por acharem, por exemplo, que são pessoas que falam muito bem e são muito comunicativos para serem autistas. Ideias como estas, compartilhadas socialmente dão suporte para julgamentos através do capacitismo, abrindo espaço

para que outras pessoas se sintam à vontade em tratar com preconceito e discriminação pessoas com TEA.

Estereótipos relacionados ao autista estão enraizados na sociedade, e são reforçados em séries de TV e filmes, a exemplo de *The Good Doctor* e *Atypical*, séries que trazem em suas narrativas personagens autistas com superinteligência. Vale ressaltar que de acordo com o Código Ética do Psicólogo (2005), o profissional está vedado a praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência e discriminação. Logo, este trabalho é importante para ajudar a fragmentar esses estereótipos, pois pode auxiliar na reflexão de atitudes e julgamentos, e no maior entendimento da singularidade em torno do Transtorno do Espectro Autista.

É necessário evidenciar, que as buscas dos perfis podem ter sofrido influência e manipulação do sistema das próprias redes sociais, que indicam perfis mais acessados no momento, ou de acordo com o gosto da pesquisadora, uma vez que, as buscas foram feitas na minha conta pessoal, limitando assim, que pudesse ter acesso a outros perfis. Outro limitador foi a diferente forma de pesquisa de acordo com cada rede digital. No YouTube, por exemplo, houve uma dificuldade maior em encontrar perfis que seguissem os critérios para seleção, pois a maioria das contas entregues eram de especialistas falando sobre o autismo. No Instagram, foi preciso realizar uma busca mais ativa, pois é uma rede social utilizada também para postagem de fotos e a forma mais prática de encontrar publicações é através do uso de *hashtag*.

Diante disso, é visto como necessário a elaboração de mais trabalhos relacionados a estereótipo autista, pois há uma escassez de trabalhos relacionados à temática. Desse modo, este trabalho pode contribuir para a realização de novos estudos que possam ampliar a discussão, como pesquisas em outros formatos (empíricas, por exemplo), ou até mesmo estudos sobre como esses comentários podem afetar os influencers autistas, dentre outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A. S. **Uma análise da utilização das redes sociais em ambientes corporativos**. Orientador: Alexandre Campos Silva. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado). Tecnologia da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Acesso em: 08/08/2023.
- AGUIAR. **Consumo de vídeo bate recorde no Brasil**. Kantar IBOPE Media. 9 mar. 2021b. Acesso em: 13/12/2023.
- AGUIAR. **O poder da conexão: 69% dos usuários de internet via dispositivos móveis afirmam não viver sem internet no celular**. Kantar IBOPE Media. 22 mar. 2021a. Acesso em: 13/12/2023.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Acesso em: 12/09/2023.
- ANDRADE, R. B. de. **Estereótipos e preconceito contra pessoas com transtorno do espectro autista**. Orientador: Marcus Eugênio Oliveira Lima. 2022. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Acesso em: 13/12/2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. Acesso em: 22/02/2023.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. **Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar: Possibilidades**. 2018. Acesso em: 13/12/2023.
- BRASIL. **Lei nº 12288, de 20 de Julho de 2010**. Estatuto da Igualdade Racial. Acesso em: 17/11/2023
- BRASIL. **Lei nº 12764, de 27 de dezembro de 2012**. Lei De Proteção Dos Direitos Da Pessoa Com Transtorno Do Espectro Autista. Acesso em: 17/11/2023.
- BRUNELLI, A. F. Estereótipos e desigualdades sociais: Contribuições da psicologia social à análise do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, vol. 58, nº 1, p. 25–43, 2016. Acesso em: 13/12/2023.
- BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução: Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009. Acesso em: 01/04/2023.
- CABECINHAS, R. **Media, etnocentrismo e estereótipos sociais**. In **As Ciências da Comunicação na Viragem do Século**. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação, Lisboa: Vega, p. 407-418, 2002. Acesso em: 09/09/2023.
- CAMARGO, S. P.; BOSA, C. A.. Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, vol. 21, nº 1, p. 65–74, 2009. Acesso em: 29/07/2023.

CAMPANIÇO, M. R. G. **Autoestima e satisfação de vida dos utilizadores da rede social Instagram**. Orientadora: Lídia Maria Ramos Serra. 2022. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia Clínica e da Saúde, Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada, Almada, 2022. Acesso em: 28/08/2023.

CARVALHO, M. C. **Divulgação científica no Youtube**: Narrativa e cultura participativa nos canais Nerdologia e Peixe Babel. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo: Intercom, p.1-12, 2016. Acesso em: 04/09/2023.

CARVALHO, I. R. *et al.* **A linguagem como instrumento de inclusão social**: Uma experiência de ensino do hip hop para jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo. *Movimento*, vol. 26, p. e26033, 2020.

CASTRO, Y. **“Você não tem cara de autista”**: Pessoas com TEA relatam como estereótipos geram preconceito e afetam acesso a direitos. Portal G1, 2023. Acesso em: 28/10/2023.

CIRIBELI, J.; PAIVA, V. **Redes e mídias sociais na internet**: Realidades e perspectivas de um mundo conectado. *Medicação*, Belo Horizonte, vol. 13, nº 12. 2011. Acesso em: 18/06/2023.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, agosto de 2005.

CONCEIÇÃO, L.; ESCALANTE, N.; SILVA, F. **Autistas no mercado de trabalho**: Análise sobre as ações e práticas inclusivas. *Gestão Contemporânea*, vol. 11, nº 2, p. 203-221, 2021. Acesso em: 29/06/2023.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 16, nº 3, p. 221-231, 2000. Acesso em: 06/12/2023.

DIAS, C. C. V.; SILVA, J.V.C. da; MACIEL, S. V. Análise psicossocial do autismo: reflexões sobre o futuro da criança autista. *In: FARO, A. et al. Pesquisas em Psicologia, saúde e sociedade*. São Paulo: Edições Concern, 2023, p. 213-231. Acesso em: 13/10/2023.

FRANKLIN, C. F. M. **Transtornos mentais nas redes sociais**: Da invisibilidade à superexposição. *Episteme Transversalis*, [S.l.], vol. 10, nº 1, 2019. Acesso em: 13/10/2023.

GESSER, M.; BLOCK, P.; MELLO, A. G. de. Estudos da deficiência: Interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. *In: GESSER, Marivete (org.). Estudos da deficiência: Anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: CRV, p.19-35, 2020. Acesso em: 24/02/2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Acesso em: 07/08/2023.

GOUVEIA, R.; (org.); "Influência social", p. 357-412. In: **Psicologia Social: Temas e Teorias**. São Paulo: Blucher, 2023

JESUS, H. V. de. A importância do ensino religioso na rede de apoio familiar em crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA). **Último Andar**, [S. l.], vol. 26, nº 42, 2023. Acesso em: 03/12/2023.

KEMP, S. **DIGITAL 2022: GLOBAL OVERVIEW REPORT**. Datareportal. 2022. Acesso em: 20/05/2023.

KRÜGER, H. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: _____. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas**. 1 ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2004, p. 23-40. Acesso em: 13/10/2023.

KRÜGER, H.; (org.); "Ideologias, sistema de crenças e atitudes", p. 263-310. In: **Psicologia Social: Temas e Teorias**. São Paulo: Blucher, 2023

LEMOS, E. L. DE M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; AGRIPINO-RAMOS, C. S. Inclusão de crianças autistas: Um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 20, nº 1, p. 117–130, 2014. Acesso em: 15/08/2023.

LIMA, M.; (org.); "Preconceito", p. 589 -642. In: **Psicologia Social: Temas e Teorias**. São Paulo: Blucher, 2023.

MACHADO NETO, J. B.; ARAÚJO, J. Por uma psicologia anticapacitista: Perspectivas da psicologia direcionadas a pessoas com deficiência. **Cientific@ - Multidisciplinary Journal**, vol. 7, nº 1, p. 1-18, 2020. Acesso em: 06/11/2023.

MACHADO, M. S.; LONDERO, A. D.; PEREIRA, C. R. R. Tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, vol. 11, n. 3, p. 335-350, 2018. Acesso em 03/12/2023.

MAIA, C. B. A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física. **Revista de Psicologia**, 2010. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0515.pdf>. Acesso em: 26/10/2023.

MALLMANN, Caroline Louise; DE MACEDO LISBOA, Carolina Saraiva; ZANATTA CALZA, Tiago. Cyberbullying e Estratégias de Enfrentamento em Adolescentes do Sul do Brasil. **Act.Colom.Psicol.** , Bogotá, v. 1, pág. 13-43, junho de 2018.

MARTINS, R. M. L.; RODRIGUES, M. de L. M. Estereótipos sobre idosos: Uma representação social gerontofóbica. **Millenium - Revista do ISPV**, vol. 29, p. 249-254, 2004. Acesso em: 20/07/2023.

MELLO, A. G. de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: Do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 21, nº 10, p. 3265–3276, 2016. Acesso em: 27/06/2023.

MONTEIRO, J. C. TikTok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 05–20, 2020. Acesso em: 27/06/2023.

NUNES, V. L. M.; MANZINI, E. J. Atribuições de profissionais da educação sobre o aluno com autismo. **Revista Cocar**, [S. l.], vol. 13, nº 25, p. 75–95, 2019. Acesso em: 13/10/2023.

ORRÚ, S. E. O perigo da supervalorização do diagnóstico: Rótulos Introdutórios ao Fracasso Escolar de Crianças com Autismo. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**. vol. 4, nº 01, p. 1699-1709, 2013. Acesso em: 28/05/2023.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 14, nº 1, p. 67–77, 2009. Acesso em: 26/10/2023.

PEREIRA, C. C. V. Autismo e família: Participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, [S. l.], vol. 9, nº 2, p. 52–59, 2011. Acesso em: 14/10/2023.

RAMOS, P.; MARTINS, A. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Texto digital**, Florianópolis, vol. 14, nº 2, p. 117–133, 2018. Acesso em: 28/05/2023.

RIES, I. Autismo e Interações Comunicacionais nas Redes Sociais: uma análise das redes socioafetivas em casos do Facebook. **Intercom**, Curitiba, p. 1-15, 2017. Acesso em: 25/07/2023.

SÁ-SILVA, J.; ALMEIDA, C.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental**: Pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], vol. 1, nº 1, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 12/12/2023.

SANTOS, A. S. dos. **Desenvolvimento social e acadêmico de estudantes com deficiência intelectual na educação de jovens e adultos**: Uma proposta de trabalho com jogos. Orientador: Luiz Antônio Botelho Andrade. 2020. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Biologia, Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Acesso em: 24/11/2023.

SCHMIDT, C. **Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, vol. 18, nº 2, p. 179–194, 2012. Acesso em: 18/07/2023.

SCHMIDT, C. **Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, vol. 18, nº 2, p. 179–194, 2012. Acesso em: 18/07/2023.

SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A. Relatos de pais de crianças com autismo sobre a rede de apoio formal: Aspectos da elaboração parental do diagnóstico. **Revista Educação Especial**, [S. l.], vol. 26, nº 47, p. 651–664, 2013. Acesso em: 18/06/2023.

SERON, B. B.; SOUTO, E. C.; MALAGODI, B. M.; GREGUOL, M. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista - Dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento**, vol. 27, 2021. Acesso em: 24/04/2023.

SILVA, C. R. M.; TESSAROLO, F. M. **Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo: Intercom, p. 01-14, 2016. Acesso em: 04/09/2023.

SILVA, M. da C. A relação entre redes sociais e autoestima. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], vol. 7, nº 4, p. 417–439, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/976>. Acesso em: 26/10/2023.

TAVONI, J.; SILVA, K. da; CORRÊA, R. A construção da imagem do sujeito autista: uma análise de discursos midiáticos. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**, Campinas, SP, n. 27, 2019. Acesso em: 12/07/2023.

TIKTOK. **Make Your Day**. 2020. Disponível em: https://www.tiktok.com/pt_BR/. Acesso em: 03/12/2023.

TREVISANA, C. L. Infantilização da criança com DI. *In*: DELGADO, S.; TREVISIANA, C.; FIAME, E. (org). **São Paulo**: Revista Análise de Discurso-humano, 7 ed., nº 01, 2022, p. 45-52. Acesso em: 23/08/2023.